

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

ESCOLA

No. 9 - JUNHO 2012 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES

N.º1 • OUTUBRO 2011

Grupos interativos

N.º2 • NOVEMBRO 2011

Leitura dialógica

N.º3 • DEZEMBRO 2011

Participação e Formação de Familiares

N.º4 • JANEIRO 2012

Tertúlias dialógicas

N.º5 • FEVEREIRO 2012

Prevenção à violência de gênero

N.º6 • MARÇO 2012

Convivência

N.º7 • ABRIL 2012

Desenvolvimento emocional

N.º8 • MAIO 2012

Transformação do entorno

N.º9 • JUNHO 2012

Educação em valores

EDUCAÇÃO EM VALORES



BEATRIZ MUÑOZ GONZÁLEZ/
UNIVERSIDADE DE EXTREMADURA

Democracia Real Já (DRY, na sigla em espanhol), foi apoiado na maioria das cidades do Estado espanhol, alcançando uma afluência muito maior da que esperavam tanto os que convocaram a manifestação quanto os manifestantes. A repercussão midiática começaria quando, de maneira espontânea, centenas de pessoas nas principais cidades do Estado (e no resto da Europa e do planeta) ocuparam as praças públicas em forma de acampamentos e organizaram-se de maneira horizontal em assembleias, realizando uma manifestação contínua que foi a semente do que denominou-se Movimento 15-M ou simplesmente 15-M.

Desde o começo, o movimento tentou recuperar os espaços públicos a fim

de dar-lhes um uso diferente do que tinham, transformando-os em lugares cheios de conteúdo político, onde todas as pessoas que quisessem se aproximar, pudessem debater sobre os diferentes temas que fossem tratados. Desta maneira, a ocupação das praças adquiriu uma dupla dimensão: por um lado, foi uma contestação diante da crescente falta de participação dos cidadãos no debate público; por outro lado converteu-se em ágora, uma ponte que conecta os problemas privados que muitas pessoas estão sofrendo e os torna públicos ao dividi-los com o resto da população.

O movimento 15-M é uma mostra do giro dialógico de nossas sociedades e enfatiza a importância do diálogo na tomada de decisões na escola ou na sociedade. Questiona-se a modernidade tradicional refletida na democracia li-

beral tradicional, ancorada nas decisões tomadas pelos grupos políticos dentro dos parlamentos que, por mais que estejam legitimados por votações a cada quatro anos, não entram em diálogo, nem acordos com o grosso da população.

O processo no qual dialogamos com os outros é de criação e recriação que permite construir um universo cultural conjunto (Freire, 1995). A racionalidade tem mais a ver com o uso do conhecimento que as pessoas fazem entre si ao se comunicarem, ao atuar e conversar, do que com sua aquisição e acumulação (Habermas, 1987); a comunicação pouco tem a ver com a imposição de uma interpretação, uma regra, um valor, um método ou uma decisão – pretensões de poder – e muito com intenções de verdade orientadas à compreensão mútua – pretensões de validade –.

Neste contexto de crescente participação cidadã e de demanda de construção de significados compartilhados para transformar a realidade, as práticas e atividades baseadas na aprendizagem dialógica, desenvolvidas nas comunidades de aprendizagem, não só garantem o êxito e a igualdade de resultados para todos os meninos e meninas, mas também se convertem em verdadeiras escolas de cidadania (como as assembleias do 15-M), de educação em valores para uma sociedade da informação que precisa e quer chegar a acordos.

Westheimer e Khane (2004) descrevem alguns dos elementos que compõem o conceito de cidadão (alguém pessoalmente responsável, participativo e voltado à justiça) e apontam como as decisões tomadas pelos educadores na elaboração de programas voltados a finalidades democráticas da educação têm uma influência importante na maneira em que os estudantes assimilam e entendem os pontos fortes e fracos da sociedade. Daí a importância de promover práticas como as tertúlias dialógicas ou grupos interativos que contribuem com a aprendizagem e com o pensamento crítico, ou seja, com o desenvolvimento da competência para participar nas comunidades e nas práticas sociais às quais pertence o aluno (Geert Tem Dam e Volman, 2004).

As tertúlias dialógicas e os grupos interativos são práticas de aprendizagem participativa e esta é fundamental para a

construção da cidadania global entre os alunos (Cher Ping Lim, 2008): aprender a trabalhar em grupo, a respeitar diferenças, a relacionar-se com pessoas de outras idades e outras culturas. Nessa prática, igualdade e diálogo são elementos imprescindíveis para a promoção da cidadania.

Finalmente, à medida que as comunidades de aprendizagem pressupõem a proposição de oportunidades formativas para todos e todas, favorecem os coletivos minoritários, que normalmente têm menos oportunidade de participar nos debates políticos. As comunidades de aprendizagem compartilham algumas das estratégias que a comunidade científica internacional definiu como mais eficazes para favorecer o pensamento crítico entre os alunos: prestar atenção ao desenvolvimento das ideias e concepções dos alunos, promover o aprendizado ativo, estimular a interação entre estudantes e basear a aprendizagem em situações reais (Khane e Spote, 2008). A leitura dialógica ou a participação dos membros da comunidade nas comissões são experiências que permitem seguir os assuntos da atualidade, discutir os problemas da comunidade e as formas de dar respostas a estes, e oferecem aos estudantes e aos voluntários um espaço onde debatem questões que lhes preocupam e dizem respeito diretamente, com iguais e com pessoas adultas.

Assim como as práticas democráticas reconhecidas em nível internacional, as atuações educativas de êxito, baseadas na aprendizagem dialógica, são uma ponte que conecta os problemas e as situações privadas e os torna públicos ao uni-los com os do resto da população, dos alunos, através do diálogo e da participação igualitária, permitindo que nossas escolas enfrentem, de forma efetiva e democrática, os desafios trazidos pela nova sociedade de informação. As quatro experiências que aparecem a seguir são um exemplo de como, em comunidades de aprendizagem, se desenvolve o espírito crítico de meninos e meninas, uma leitura de mundo cujo objetivo é sua transformação através da promoção de uma cidadania que, como mencionado anteriormente, seja pessoalmente responsável, participativa e voltada à justiça.

“Aprender a trabalhar em equipe, a respeitar as diferenças, a relacionar-se com pessoas de outra idade e de outras culturas”

BIBLIOGRAFIA

- Freire, P. (1995): *Pedagogía del oprimido*, Madrid, Siglo XXI.
- Geert ten Dam y Volman, M. (2004): “Critical thinking as a citizenship competence: teaching strategies”, *Learning and Instruction*, 14, pp. 359-379.
- Habermas, J. (1987): *Teoría de la acción comunicativa*, Madrid, Taurus.
- Kanhe, J., y Spote, S. (2008): “Developing Citizens: the impact of civil learning opportunities on students’ commitment to civil participation”, *American Educational Research Journal*, nº 3, pp. 738-766.
- Cher Ping Lim (2008): “Global citizens education, school curriculum and games: Learning Mathematics, English and Science as a global citizen”, *Computers & Education*, nº 51, pp. 1073-1093.
- Westheimer, J., Kaen, J. (2004): “What kind of citizen? The politics of educating for democracy”, *American Educational Research Journal*, nº 2, pp. 237-369.

EDUCAÇÃO EM VALORES NAS TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS

JOSÉ LUIS MARTÍN FERNÁNDEZ / DIRETOR DO COLÉGIO SAGRADO CORAZÓN (CORIA)

Este ano, nosso colégio iniciou sua caminhada para transformar-se em comunidade de aprendizagem. Para isto, todos e todas nós somamos esforços e subtraímos diferenças. Com o nosso empenho, e com a certeza de fazer o melhor por nossos alunos e pela comunidade, optamos por realizar diferentes atuações de êxito, depois de passarmos por uma formação, tanto do ponto de vista teórico, como a partir de contribuições vindas da experiência de outros centros educativos, que são comunidades de aprendizagem, ou que já iniciaram essa experiência. As comunidades de aprendizagem estão sempre dispostas a ajudar, oferecendo-nos seu entusiasmo, informação, apoio e abertura.

A atividade que queremos compartilhar como uma experiência positiva é a tertúlia literária dialógica. Esta prática surge em um contexto em que, diante de necessidades observadas, buscam-se estratégias que alcancem o êxito educativo. Assim nasce em uma aula de 6º ano do Ensino Fundamental, ao observar a necessidade de um ambiente motivador e propício ao desenvolvimento de todas as potencialidades de alunos e alunas, e para que se formem melhores seres humanos. Eles e elas também necessitam formar-se como pessoas autônomas, que saibam escolher baseando-se em boas razões trazidas por cada um de seus membros, expressando suas ideias e experiências ao mesmo tempo em que aceitam opiniões diferentes. Buscamos educar em valores, o que fazemos sempre, mas não de forma explícita; porém com as tertúlias literárias dialógicas alcançamos este objetivo.

Para mostrar o êxito educativo das tertúlias literárias dialógicas, que incidem na educação em valores, analisamos o conjunto de valores que observamos e vivemos, tanto entre os professores como entre os alunos que participam da atividade. Para isso, a seguir analisamos os valores



que as tertúlias promovem por si mesmas e citamos os valores que, segundo os alunos, são trazidos pela Odisseia de Homero, obra selecionada para as tertúlias.

Por meio das tertúlias literárias dialógicas interiorizamos valores como:

» Amizade: graças às tertúlias descobriram seus colegas a partir de vários pontos de vista, nasceu o afeto pessoal entre os alunos que, com a convivência, fortalecem e constroem as amizades.

» Adaptação: as tertúlias levam alunos e alunas a grandes mudanças metodológicas, nas quais sua participação é necessária e valorizada, para a qual foi necessária uma adaptação à mudança contínua que cada vez superam com menos dificuldade.

» Autodomínio: a participação nas tertúlias exige, dos meninos e meninas, um controle sobre si mesmos para que seja possível comunicar suas ideias e respeitar às dos demais, as formas em que se expressam e se comportam. Sempre melhoram sua autonomia, pois isso exige não depen-

der dos outros, lhes dá a liberdade de opinar, de ter maior iniciativa e expressar-se de forma independente.

» Autoestima: as tertúlias produzem uma melhora na autoestima de todos e todas, pois os alunos conferem valor a si mesmos; ao serem escutados pelos demais, ao darem importância às suas intervenções, ver que são capazes de expressar-se cada vez com mais desenvoltura e confiança em si mesmos, no grupo e no professor.

» Cultura: através das tertúlias é inegável que se valoriza a cultura à medida em que é adquirida, posto que, após a leitura e a comunicação, ajudam a construir conhecimentos em diferentes matérias, lhes permite desenvolver um juízo crítico e lhes concede cada vez mais segurança.

» Comunicação: as tertúlias fomentam a conversa, a convivência, a relação entre os alunos, o compartilhamento de ideias e experiências que cada um tem e que são oferecidas aos demais.

Esta comunicação melhora e aumenta

no resto das atividades de classe nas quais as ideias são expressas com maior convicção e firmeza nos diferentes temas tratados.

» **Criatividade:** com as tertúlias fomenta-se a imaginação e os alunos adquirem maior facilidade para formar e expressar novas ideias.

» **Diálogo:** os alunos começam a dar valor a uma boa conversa, pois interiorizam que com isso começam relações com aqueles que têm interesses e preocupações parecidas, e com quem podem compartilhar conversas sobre muitos temas até então desconhecidos.

» **Disciplina:** com as tertúlias aprendemos a importância de respeitar as normas que regem as atividades para poder aproveitá-las.

» **Esforço:** as tertúlias exigem um trabalho inicial e um esforço contínuo para vencer as dificuldades pessoais e fazer com que a atividade seja rica, com isso pouco a pouco vão se sentindo satisfeitos, já que observa-se alegria, interesse pela atividade, atitude positiva...

» **Generosidade:** nas tertúlias todos e todas são generosos ao apresentar os demais com ideias e experiências, e agradecidos pelas ideias compartilhadas pelos colegas.

» **Identidade:** descobrimos em nossas tertúlias muitas coisas que temos em comum como grupo e que nos distinguem

dos demais, nos caracterizamos pelo fato de pertencer a esta comunidade educativa em que estamos agrupados e com a qual cooperamos, com um sentido de unidade; no caso do Colégio Sagrado Corazón, pertencente à família Spínola.

» **Inteligência:** com as tertúlias melhora-se a capacidade de compreender o que se lê, escuta ou sente, ao mesmo tempo que buscam resolver problemas que surgem.

» **Participação:** é fácil observar nos alunos o interesse por integrar-se em novas iniciativas, reconhecendo a igualdade como princípio fundamental no desenvolvimento das tertúlias, nas quais o respeito é essencial em qualquer atividade proposta.

» **Tolerância:** é um valor fundamental que se desenvolve nas tertúlias, o respeito às opiniões, ainda que sejam diferentes das nossas, pois isso demonstra o respeito a cada um como pessoa. A isso acrescentamos a paciência que os alunos desenvolvem ao tornarem-se capazes de esperar sua vez de falar, sem alterarem-se, mantendo os bons modos.

A Odisseia de Homero foi a obra escolhida para as tertúlias literárias dialógicas. Com a leitura, reflexões pessoais e o diálogo em grupo, os alunos e alunas interiorizam valores que eles mesmos expressam e que resumem muito bem o que viveram e

aprenderam como educandos. Estas contribuições indicam o êxito da atividade, com a qual ficamos satisfeitos:

“Na nossa aula aprendemos, com as tertúlias, o valor de um livro clássico; os clássicos não saem de moda, são universais e para todas as idades. Esta atividade nos ajuda a dialogar, vocalizar, melhorar a expressão oral, a falar melhor em público, a escutar e respeitar, a ter concentração, a compreender o que lemos e a respeitar a vez de falar”.

“É muito interessante conhecer o mundo da mitologia grega: os ciclopes, os minotauros, centauros, a relação entre deuses e humanos”.

“Com a leitura da Odisseia aprendemos valores que estão presentes na obra e coincidem com os que vivemos, com nossas experiências que compartilhamos com os demais nas tertúlias”.

“Os valores sobre os quais refletimos ao ler este livro são: valentia, amor, esforço, esperança, inteligências, serenidade, tranquilidade, paciência, confiança, companheirismo, fraternidade, amizade, generosidade, lealdade, fidelidade, bondade”.

Nossas citações preferidas: “... chorando porque sentia falta da sua terra e de sua esposa”, “... sei muito bem que Ulisses está vivo”, “a astúcia vence a força”, “as estrelas que anunciam o amanhecer”.

A APRENDIZAGEM DE VALORES NOS GRUPOS INTERATIVOS

JUAN JOSÉ RODRÍGUEZ VILLARROEL
E ROSA REQUEJO GALLO / DIRETOR E
SECRETÁRIA DO COLÉGIO APÓSTOL SAN
PABLO (BURGOS)

O Colégio Apóstol San Pablo é um centro educacional privado dependente do Arcebispado de Burgos. Encontra-se instalado em um populoso bairro desta cidade. Nele criaram-se os primeiros polos de desenvolvimento industrial que atraíram à cidade muitas pessoas do mundo rural. Este bairro chamado

Gamonal tem uma idiossincrasia que o distingue de outras zonas da cidade. Seus habitantes são de condição humilde, operários em sua maioria.

Na atualidade, destacamos a presença de famílias imigrantes que se estabelecem na zona, e que alguns de seus filhos e filhas são alunos de nosso centro educacional. É um colégio pequeno, acolhedor e familiar que neste momento tem matriculados 185 alunos e alunas.

Há cinco anos nos constituímos em comunidade de aprendizagem como res-

posta ao que acreditávamos que poderia ser um projeto inovador de formação em valores, buscando o êxito escolar de todos os nossos alunos.

A SOCIEDADE ATUAL

Uma comunidade de aprendizagem é um projeto de transformação social e cultural de um centro educacional e do seu entorno. As comunidades de aprendizagem, entre outros aspectos, fomentam a solidariedade, a convivência, o respeito ao diferente, o diálogo, etc. O

famoso Relatório PISA e as avaliações de diagnóstico das diversas unidades federativas avaliam, apenas, aspectos curriculares dos alunos e alunas. Parece que dominar as competências linguísticas e matemáticas é a única coisa que preocupa às autoridades educativas. É dada muita importância ao resultado destes relatórios e ficam preteridos relatórios que incluem o nível de educação em valores dos e das jovens do nosso país. A realidade demonstra, dia a dia, a perda de valores de nossa sociedade atual. Valores sem os quais é muito difícil crescer como pessoas maduras e responsáveis. Em um centro educacional é imprescindível formar integralmente as pessoas. As comunidades de aprendizagem são um canal oportuno para, além de valorizar o aspecto curricular de cada aluno e aluna, ter em conta também que esse menino ou menina é uma pessoa em formação e que, além de ferramentas curriculares, devemos oferecer-lhes ferramentas para que saibam se comportar e se defender na complexa sociedade que nos cabe viver, neste século XXI.

Os grupos interativos pretendem, entre outros objetivos, diminuir a competitividade e gerar solidariedade, e aumentar simultaneamente a aprendizagem acadêmica e a participação dos alunos nas aulas. Os grupos interativos estão pensados para que os alunos possam receber uma educação de qualidade máxima. Para isso, não se trata de excluir certos alunos e alunas da sala de aula, mas sim (ao contrário) de introduzir na sala de aula os recursos necessários para que estes meninos e estas meninas possam continuar sua educação com as máximas expectativas.

NOSSOS VALORES NOS GRUPOS INTERATIVOS

A solidariedade, o respeito, a sinceridade, o companheirismo, a aceitação do diferente, são valores que são fomentados e trabalhados nos grupos interativos de nossa comunidade de aprendizagem.

Os grupos interativos são uma forma de organizar a sala de aula que incide na melhoria da convivência, da solidariedade e da aprendizagem, mantendo sempre as altas expectativas. Contribuem para aumentar a motivação e a autoestima, nossos alunos e alunas superam difi-

dades e inseguranças ao perceberem que podem, não só aprender, mas também ensinar seus colegas.

A heterogeneidade existente entre eles serve aos educadores deste centro educacional para estimular a formação em valores, sem a qual não será possível um verdadeiro êxito educativo. Sua dinâmica permite trabalhar também valores como a solidariedade, o respeito à diversidade, por um lado, e as habilidades sociais como o trabalho em equipe, a autoestima e inclusive as habilidades comunicativas, por outro.

Em nossos grupos interativos são combinados em uma mesma atividade os valores de tolerância ou solidariedade e a aprendizagem instrumental, posto que, tanto um menino ou menina que é ajudado como o que ajuda estão realizando uma aprendizagem, e realiza-se um maior número de aprendizagens no mesmo tempo letivo. Aqueles que têm um maior nível de conhecimento intensificam sua própria aprendizagem, enquanto ajudam seus colegas, graças ao esforço que fazem para dar uma explicação.

NOSSOS ALUNOS OPINAM

Os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental também têm suas contribuições sobre os valores que são fomentados através dos grupos interativos:

- » Aprendemos a trabalhar em equipe e a aprender coisas juntos.
- » Emprestamos muitas coisas, ajudamos aos demais, somos melhores colegas e nos respeitamos.
- » Nos relacionamos mais entre nós e com outros adultos, além da nossa professora.
- » Colaboramos todos juntos para ajudar àquele que não entende.
- » Aumentei a confiança dos outros.
- » Aprendemos muitas coisas de outros países de onde vêm nossos colegas. Trocas e enriquecimento cultural.
- » Se, às vezes, estamos bravos com alguém, aproveitamos esses momentos para nos aproximarmos da pessoa e solucionarmos o problema dialogando.

Um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental da ESO diz: “Os colegas em um grupo interativo são muito importantes, já que podem ser um exemplo a seguir. Com eles você aprende companheirismo, a respeitar seus colegas e se você não en-

“Os grupos interativos pretendem diminuir a competitividade, gerar solidariedade e aumentar a aprendizagem acadêmica e a participação na aula”

tendeu alguma coisa, eles podem te ajudar. Por isso, penso que o colega em um grupo interativo é essencial”.

Como conclusão, destacamos que em nosso centro educacional os resultados de trabalhar em grupos interativos contribuem para favorecer o diálogo e a igualdade; a aumentar a autoestima de nossos alunos permitindo mudanças de papéis; alunos e alunas que antes precisavam de mais ajuda para realizar suas atividades, agora também ensinam. Quer dizer, há um reconhecimento de suas capacidades e conhecimentos. E, por último, observamos como o valor da solidariedade entre culturas fomenta uma agradável convivência em nossa comunidade educativa que enriquece a adaptação à realidade da sociedade de nosso século XXI.

VOLUNTARIADO NA ESCOLA: CRESCENDO JUNTOS, APRENDENDO SEMPRE

JOSÉ IGNACIO DUFUR / SECRETÁRIO
DO CP JULIÁN M^a ESPINAL OLCOZ
(MENDIGORRÍA)

A transformação de toda escola em uma comunidade de aprendizagem demanda grandes mudanças que afetam a forma de entender sua organização interna. Ao mesmo tempo, apresenta às pessoas que vivem estas mudanças, a oportunidade de ver a realidade como um espaço de possibilidades; e as dificuldades, como uma janela aberta ao crescimento. Deixar-se inspirar pelos princípios da aprendizagem dialógica é abrir as portas para que os agentes sociais do entorno, em geral, e as pessoas voluntárias, em sua maioria familiares, em particular, ultrapassem a fronteira do centro educacional, participem da aprendizagem dos meninos e meninas e se comprometam ativamente com o seu desenvolvimento integral – acadêmico, psicossocial, emocional – a fim de que todas as pessoas aprendam mais, e que ninguém seja excluído da sociedade de informação. Com este objetivo, nasceu, no ano letivo de 2009-2010, a primeira comunidade de aprendizagem constituída em Navarra, a do CP Julián M^a Espinal Olcoz de Mendigorria, um pequeno centro escolar de 70 alunos.

Quando empreendemos por este caminho, sabíamos que o que não fosse feito por todos não nos levaria ao êxito educativo. Implementar grupos interativos, adentrar no mundo das tertúlias dialógicas, compreender que as famílias de nossos alunos são fundamentais para que estes tenham êxito na escola, exigia que oportunidades de compartilhar espaço e tempo da escola, com os garotos e garotas, fossem oferecidas aos pais, mães, avós, vizinhos e vizinhas da região. E o mais importante: tudo isto era e continua sendo uma questão de justiça social, de equidade e qualidade educativas, porque sabemos, nos diz a comunidade científica internacional, que necessitamos de todas as pessoas, que este-



jam vinculadas de alguma maneira com os alunos, para aperfeiçoar sua aprendizagem.

A participação voluntária nasce, por um lado, da confiança que os professores depositam naqueles que dão o passo de vir à escola para dinamizar os grupos interativos e, por outro, do desejo dos voluntários de sentirem-se úteis, de aprender também e de compartilhar a aprendizagem com os menores. Os voluntários e voluntárias nos trazem a alegria de quem recupera, muitos deles depois de tanto tempo, um espaço público de aprendizagem. Os mais veteranos, geralmente, não trazem uma mochila carregada de boas memórias escolares, mas histórias de decepção e de pesar, quase sempre, de oportunidades perdidas.

Em torno de 40 pessoas – a maioria das quais são familiares – frequentam assiduamente as salas de aula de nossa escola. A excitação e o nervosismo controlado que acompanhavam sua presença, nas primeiras vezes, deram lugar a uma serena emoção nos professores e a uma cumplicidade patente entre meninos, meninas e voluntários. As três turmas de Ensino Fundamental I recebem periodicamente visitas de

pessoas voluntárias para realizar os grupos interativos de Língua Espanhola, Matemática ou Conhecimento do Meio. Também os grupos de trabalho da Maratona de Ortografia são animados com a esplêndida desenvoltura de nossos colaboradores mais veteranos, uma dezena de avós e avós que a cada sexta-feira do ano letivo vêm trabalhar duro. Testemunhando esta experiência, como privar nossos jovens alunos da riqueza experiencial dos mais velhos, do seu empenho, do cuidado com que se dedicam para cumprir esta tarefa?

Os voluntários tornam-se conscientes das dificuldades que traz o acompanhamento diário de nossos alunos, cujo trabalho se faz visível, posto que revela-se qual é o ambiente da classe, como se produz esse diálogo igualitário que tantas vezes é visto como o motor da aprendizagem. Assim, todo o trabalho docente se torna mais compreensível e, em consequência, o respeito pelo trabalho do professor cresce. Podemos dizer que ganhamos em autoridade, já que nos convertemos em pessoas que mostram como fazem seu trabalho, tiramos o véu de uma atividade que per-

manecia oculta atrás da porta fechada da sala de aula e, ao mesmo tempo, damos autoridade a quem participa dinamizando os grupos interativos.

Abrir a escola à participação é uma medida de êxito porque fomenta a aprendizagem instrumental e porque permite o encontro de gerações, que reforça a coesão social, o vínculo entre as pessoas, que começam a conhecer-se de outra maneira porque estão mais próximas do que antes. É comovido escutar da boca de um de nossos avós que é um presente vir às aulas, tanto quanto

é emocionante ser testemunha dos diálogos que nossos alunos mantêm com os voluntários e voluntárias, porque abrem um espaço novo de comunicação.

Diferentes gerações se empenham em escutar-se, em assumir papéis distintos, com naturalidade e, sobretudo, com respeito. Porque sem esta condição não poderíamos, nem sequer, aspirar a ser uma autêntica comunidade de amizade, uma comunidade de aprendizagem onde nossos garotos e garotas aprendam a ser e a sentir que todos somos diferentes, e que, ao

mesmo tempo, todos somos necessários. Muito necessários. Tão necessários quanto as pessoas voluntárias que nos ensinam com seu exemplo, com sua perseverança e sua entrega cada vez que percorrem nossos corredores e entram nas salas de aula que também são as suas, e que mandam a professores e alunos uma mensagem iniludível: querem ser participantes de um presente que oferece uma sociedade justa e equitativa a quem quer aprender, aprender sempre, aprender em todos os lugares, aprender com todas as pessoas.

UMA ESCOLA ONDE INCLUSÃO NÃO É SÓ UMA PALAVRA BONITA

M. ROSA VALLES/DIRETORA DA ESCOLA DR. ALBERICH I CASAS (REUS), EM COLABORAÇÃO COM A EQUIPE DOCENTE

Desde o início, na Escola Dr. Alberich i Casas, entendemos que um dos aspectos fundamentais da educação é a construção de valores em nossa comunidade. Anos mais tarde, percebemos que fazer parte das comunidades de aprendizagem foi, neste aspecto, o ponto fundamental que nos ajudou e permitiu ampliar esta filosofia, não só para os alunos, mas também para as famílias, vizinhos e vizinhas e voluntariado que fazem parte, já permanentemente, de nosso dia a dia, principalmente depois de passarem pela escola.

Definimo-nos como uma escola INCLUSIVA, desde os “princípios” enunciados em nosso Projeto Educativo até cada um dos documentos que, ano após ano, elaboramos. No entanto, poderíamos ser inclusivos somente “na palavra” e não “no espírito”. No nosso caso, temos orgulho de dizer que não é assim que acontece. Na prática, não há nenhum trajeto ou espaço que nossos alunos com NEE (necessidades educativas especiais) não possam acessar, nenhuma atividade de que, dentro do possível e /ou adaptação, não possam fazer, nem nenhuma saída de campo ou excursão à qual não possam ir.

Na Alberich i Casas, nossa escola, todos jogam na primeira divisão e no time

principal, não temos outras divisões; nem segundas, nem terceiras e nem regionais. E isso, considerando que, segundo os dados do Departament d’Ensenyament de Catalunya, nossa média, no que se refere aos alunos com NEE, é superior à das escolas catalãs. A organização dos grupos, que detalharemos adiante, se baseia no princípio de nunca separar os alunos de acordo com suas capacidades ou inteligências, conceito geralmente mal interpretado pelos docentes, já que estas se resumem à língua e à matemática, que são as áreas tradicionalmente avaliadas. Nós partimos da ideia de que todas as inteligências são múltiplas e que todas as pessoas apresentam algumas delas mais desenvolvidas, acreditamos que todos podem aprender e ensinar. Portanto, as atividades propostas facilitam ao máximo a interação entre os grupos, que são sempre heterogêneos, e oferecem diversas formas de aprendizagem, para que os alunos internalizem os conhecimentos exercitando as distintas inteligências. Tentamos – e ser uma comunidade de aprendizagem nos facilita muito – oferecer-lhes um bom contexto educativo, já que isso pode ser mais decisivo que uma boa inteligência.

Os tipos de organização de grupos que usamos na escola são:

» Dois professores na mesma classe: essa estratégia nos permite uma atenção mais personalizada, pois todos permanecem em seu grupo de referência, que é o

grupo social ao qual pertencem na escola. Dessa forma, ninguém fica deslocado.

» Desdobramentos: dividimos a turma na metade por ordem alfabética. Isso nos permite trabalhar dois materiais diferentes com menos alunos. Fazemos isso para Experimentação, Oficina, Inglês, Horta e Informática.

» Grupo interativo: dividimos a turma em grupos de quatro ou cinco alunos (os grupos variam durante o ano); cada grupo faz uma atividade diferente com um voluntário ou voluntária. Fazemos isso uma vez por semana, em matérias como: Matemática, Língua, Educação Física ou Oficinas multitemáticas. Em alguns casos, a professora de Educação Especial participa de um desses grupos ao lado do aluno com NEE como se fosse mais uma participante.

» Trios: dividimos a turma em três grupos heterogêneos para trabalhar uma mesma matéria em três aspectos distintos. Por exemplo, um terço da sala trabalha expressão oral, outro expressão escrita e a outra parte linguagem através das TIC (tecnologia da informação e comunicação).

» Grupo reduzido: grupos heterogêneos de três ou quatro alunos feitos para trabalhar aspectos muito específicos de qualquer matéria. Utilizamos esta formação de maneira ocasional.

» Atenções individualizadas: só utilizamos esta formação nos casos em que a especificidade da atividade requer e para

responder às necessidades educativas muito especiais. Por exemplo, exercícios fonoaudiológicos, tratamentos de fisioterapia ou distúrbios graves de linguagem.

A vontade de viver em uma democracia participativa, tanto no âmbito de gestão quanto no pedagógico, pressupõe que todas as pessoas que participam exercem habilidades sociais e valores que garantem o êxito, na medida em que internalizam e adquirem tudo isso; e é aqui, neste ponto, que a escola deve intervir para facilitar a aprendizagem.

Nós, desde a Educação Infantil (3 anos) até o 6º ano do Ensino Fundamental, dedicamos duas sessões semanais ou quinzenais, dependendo do ano, a trabalhar sistematicamente os valores, uma por meio de valores que enumeramos a seguir e outra por meio de assembleias de sala.

Na Educação Infantil aplicamos “Filosofia 3/6” do Grupo IREF. No ciclo inicial, “Els meus amics, el meu jardí” do Departament d’Ensenyament, e nos ciclos médio e superior, o Programa de Competência Social “Decideix” de Manuel Segura e Margarita Arcas.

A assembleia nos permite cumprir com os princípios fundamentais definidos em nosso projeto educativo e que fazem referência aos valores democráticos que toda sociedade deveria ter: respeito, tolerância, igualdade, inclusão, aceitação da diferença, participação, responsabilidade, iniciativa, esforço e compromisso; exercitando em sala



atitudes como: escutar aos demais, esperar sua vez de falar, de dialogar, chegar a acordos através do consenso, comprometer-se com os acordos, cumpri-los e verificar se estão sendo aplicados. É difícil trabalhar a fundo sem esse espaço concreto. Como disse Josep M. Puig: “É difícil imaginar uma aula que não conte com um instrumento de diálogo que permita aos alunos e professores considerar a vida e o trabalho que realizam conjuntamente. É difícil imaginar um projeto de educação em valores que não pense na participação dos alunos e professores na organização, conjunta, de tantos aspectos da vida escolar quanto sejam possíveis”. Assim,

em nossa escola, o projeto curricular inclui um tópico sobre a assembleia de classe no qual definimos o que é a assembleia, as habilidades que esta permite aprender, as competências que trabalha, a metodologia para sua realização, o papel dos alunos, o papel do professor, o perfil ou as qualidades que se necessita para realizar um bom trabalho com os alunos, um questionário de opinião para os alunos, modelos de folhas para colher opiniões e temas ao longo da semana, o processo de escolha do representante de classe e atividades para trabalhar diferentes aspectos que implica o desenvolvimento de uma assembleia.